REDE – Revista Diálogos em Educação
ISSN 2675-5742, v. 1, n. 2, julho-dezembro 2020

ESPAÇO DA EDUCAÇÃO INFANTIL E A ABORDAGEM REGGIO EMÍLIA: UMA PROPOSIÇÃO

CHILDREN'S EDUCATION SPACE AND THE REGGIO EMÍLIA APPROACH: A PROPOSITION

EL ESPACIO EDUCATIVO INFANTIL Y EL ENFOQUE REGGIO EMÍLIA: UNA PROPOSICIÓN

Karina Trevisan Latosinski[1]

Nina Alt Carvalho[2]

RESUMO: O ambiente escolar tem vital importância para as vivências e o aprendizado de crianças na primeira infância. É nesse espaço físico que, muitas vezes, acontece a socialização e o desenvolvimento de habilidades que serão refletidas na formação do indivíduo na vida adulta. Desse modo, a proposta pedagógica adotada pela escola necessita estar em concordância com a arquitetura do local para manter os alunos motivados e envolvidos durante o processo de aprendizado, além de despertar um sentimento de pertencimento e identificação àquele espaço. A abordagem Reggio Emília nasceu na Itália, na década de 1960, preconizando a liberdade de exploração para que as crianças encontrem diferentes maneiras de expressão. Nesse sentido, a metodologia trata o espaço escolar como o terceiro professor, juntamente com os outros dois que trabalham em sala de aula, já que ele é responsável por proporcionar diversos tipos de manifestações dos alunos. Assim, ambientes como os ateliers são necessários para que as mãos e mentes das crianças possam ter liberdade para criar, escavar e explorar promovendo interação e conhecimento. Entende-se que uma escola construída para a metodologia Reggio Emília é única e os ambientes refletem parte da cultura local, histórias e questões da comunidade em que está inserida. Por isso, o presente estudo procurou identificar as principais diretrizes relacionadas à arquitetura nessa abordagem, baseando-se em autores das áreas de educação e arquitetura e urbanismo, e propôs um projeto arquitetônico adequado ao contexto do município de Campo Grande/MS, Brasil. Logo, a proposição espacializou os conceitos de flexibilidade de usos, ludicidade, integração com a natureza e comunidade em um projeto horizontal capaz de compatibilizar o espaço construído e a orientação pedagógica.

Palavras-chaves: Arquitetura escolar. Abordagem Reggio Emília. Educação infantil.

ABSTRACT: The school environment is really important for the experiences and learning of children in early childhood. It is in this physical space that, many times, socialization and the development of skills take place, which will be reflected in the formation of the individual in adult life. Therefore, the pedagogical proposal adopted by the school needs to be in agreement with the architecture of the place to keep the students motivated and involved during the learning process, besides awakening a feeling of belonging and identification to that space. The Reggio Emilia approach was born in Italy in the 1960's, advocating freedom of exploitation for children to find different ways of expression. In this sense, the methodology treats the school space as the third teacher, together with the other two who work in the classroom, since it is responsible for providing different kinds of manifestations of the students. Thus, environments such as workshops are necessary so that the hands and minds of children can have freedom to create, dig and explore promoting interaction and knowledge. Still involved with

[1] Mestrado em Engenharia Civil e Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Maria/RS. Docente da Faculdade de Engenharias, Arquitetura e Urbanismo e Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: karina.latosinski@ufms.br; https://orcid.org/0000-0003-3879-9842

[2] Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
E-mail: nina.alt.arquitetura@gmail.com; https://orcid.org/0000-0002-5302-647X

REVISTA DIÁLOGOS EM EDUCAÇÃO

the environment, proximity to nature represents comfort and humanization. It is understood that a school built for the Reggio Emilia methodology is unique and the environments reflect part of the local culture, stories and issues of the community in which it is inserted. Therefore, the present study sought to identify the main guidelines related to architecture in this approach, based on authors from the areas of education and architecture and urbanism, and proposed an architectural project appropriate to the context of the municipality of Campo Grande/MS, Brazil. Therefore, the proposal specialized the concepts of flexibility of use, playfulness, integration with nature and community in a horizontal project capable of making the built space and pedagogical orientation compatible.

Keywords: School architecture. Reggio Emilia approach. Early childhood education.

RESUMEN: El entorno escolar tiene una importancia vital para las experiencias y el aprendizaje de los niños en la primera infancia. Es en este espacio físico donde a menudo se produce la socialización y el desarrollo de habilidades, lo que se reflejará en la formación del individuo en la vida adulta. Así, la propuesta pedagógica adoptada por la escuela debe estar en consonancia con la arquitectura del lugar para mantener a los estudiantes motivados e involucrados durante el proceso de aprendizaje, además, despertar un sentimiento de pertenencia e identificación con ese espacio. El enfoque de Reggio Emilia nació en Italia en los años 60, abogando por la libertad de explotación para que los niños puedan encontrar diferentes formas de expresión. En este sentido, la metodología trata el espacio escolar como el tercer maestro, junto con los otros dos que trabajan en la classe, ya que se encarga de proporcionar diferentes tipos de manifestaciones de los estudiantes. Por lo tanto, los ambientes de los talleres son necesarios para que las manos y las mentes de los niños puedan tener libertad para crear, cavar y explorar promoviendo la interacción y el conocimiento. Se entiende que una escuela edificada para la metodología de Reggio Emilia es única y que los ambientes reflejan parte de la cultura local, las historias y los problemas de la comunidad que lo rodea. Por lo tanto, este estudio trató de identificar las principales directrices relacionadas con la arquitectura en este enfoque, basándose en autores de las áreas de educación y arquitectura y urbanismo, y propuso un proyecto arquitectónico apropiado al contexto del municipio de Campo Grande/MS, Brasil. Por lo tanto, la propuesta permitiu espacializar los conceptos de flexibilidad de uso, lúdico, integración con la naturaleza y la comunidad en un proyecto horizontal capaz de compatibilizar el espacio construido y la orientación pedagógica.

Palabras clave: Arquitectura escolar. Metodología Reggi. Educación Infantil.

INTRODUÇÃO

A escola é o ambiente físico responsável pelo desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem da educação formal que se constitui como um local de socialização, produção de conhecimento e vivência de experiências, integrando crianças e jovens às principais redes sociais que contribuem para a sua formação. Nesse ambiente, as crianças desenvolvem modos de pensar, sentir e agir, explorando o mundo e suas possibilidades (KOWALTOWSKI, 2011; CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013; BUJES, 2001).

O tema educação tornou-se objeto de estudo para diversas áreas do conhecimento e a arquitetura, enquanto responsável pela criação dos espaços em que a educação formal acontece, tem um papel fundamental nesse processo (KOWALTOWSKI, 2011). De acordo com França (1994), os ambientes arquitetônicos têm ligação com valores de sua época, vinculando-se a situações culturais, signos e símbolos. No entanto, o autor destaca que a evolução do espaço escolar estagnou: construído de maneira ultrapassada, reforça um processo de ensino que se estagnou no tempo-passado. Originalmente com contribuições de ordens religiosas e posteriormente com influência do sistema econômico vigente, os espaços

das escolas tornaram-se instrumentos de transmissão de valores pautados em referenciais disciplinadores, padronizadores e de submissão, estabelecendo um desconforto estudantil com a escola e não correspondendo à aprendizagem no século XXI (ARRAIS NETO; SOUZA; RICCA, 2017).

Frente à essa realidade, surgem ao longo do tempo diversas metodologias de ensino propondo novas soluções ao método tradicional desatualizado. Dentre elas, destaca-se a desenvolvida por Loris Malaguzzi, conhecida como Reggio Emília, que denomina o ambiente de aprendizagem como Terceiro Professor. Essa metodologia entende os alunos como produtores de conhecimento e explora as diversas linguagens das crianças, buscando formar indivíduos criativos, questionadores, sensíveis, ativos e responsáveis, reconhecendo que o espaço físico escolar deve espelhar essas ideias e valores, trazendo importantes contribuições para a qualidade do espaço físico escolar (ALVARES, 2016).

Uma rica experiência de aprendizagem, conforme Nair e Doctori (2019), ocorre na relação entre bons ambientes físicos (*design* dos espaços), com a abordagem pedagógica (*design* educacional). Dessa forma, é necessário que as escolas usem os ambientes de aprendizagem para catalisar as mudanças na dinâmica pedagógica, estimulando o desenvolvimento das esferas social, emocional e criativa nas crianças. Assim, este estudo busca fazer uma revisão na literatura considerando a aplicação da metodologia Reggio Emília e sua relação com o espaço construído em que atua, tendo como objetivo contribuir com o debate acerca dos impactos da arquitetura escolar e seus ambientes físicos no processo de aprendizagem. E com isso, elaborar uma proposição arquitetônica, em nível de estudo preliminar, associando a arquitetura e o urbanismo como facilitadores relacionados à abordagem e sua experimentação no contexto brasileiro da educação e espaços urbanos.

A pesquisa utilizou livros, periódicos científicos e trabalhos acadêmicos para discutir o tema e embasar as decisões arquitetônicas. Tais decisões também foram precedidas pelas etapas de: análise urbanística e análise da demanda local para implementação de uma escola infantil em Campo Grande/MS, Brasil (dados socioeconômicos); levantamento de dados de um terreno hipotético; setorização de usos; análise de condicionantes ambientais para a realização do projeto; desenho e elaboração de modelos tridimensionais para compreensão das proposições

Dessa forma, o artigo organiza-se em três etapas: a contextualização acerca da Abordagem Reggio Emilia e suas características; os reflexos da abordagem no espaço físico, destacando o ateliê, princípios aplicados à arquitetura e a relação da escola com a cidade; e por fim, apresenta o Projeto Eureca como uma proposta de projeto arquitetônico inspirado na abordagem Reggio Emília.

CONTEXTO HISTÓRICO

Reggio Emilia é uma cidade localizada na região de Emilia Romana, no nordeste da Itália, que em 1991 teve seu sistema de educação para primeira infância reconhecido como um dos melhores do mundo pela Revista Americana *Newsweek*. A Itália foi fortemente marcada pela relação com a Igreja Católica, que durante muito tempo ficou responsável pela educação infantil. Após a Segunda Guerra Mundial, famílias se reuniram com o intuito de melhorar o mundo através da educação e construíram escolas para crianças pequenas com participação da comunidade (SÁ, 2010). Em 1967, as escolas organizadas por pais ficaram sob administração da municipalidade de Reggio Emilia, que se destacou por investir em

pesquisas, experimentações e refinamento das ideias sobre a educação infantil (EDWARDS, GANDINI, FORMAN, 2015).

Loris Malaguzzi, pedagogo italiano, participou dessa transição e construção da abordagem Reggio Emilia, fundamentada na participação familiar e comunitária no processo educativo, no entendimento da criança como protagonista do aprendizado e na valorização das múltiplas linguagens das crianças, através da pedagogia da escuta e do olhar cuidadoso sobre a criança (SÁ, 2010).

No Brasil, a RedSolare Brasil é responsável por manter uma rede de articulação e difusão das ideias de Reggio Emilia, buscando defender seus valores e permitindo trocas entre os estados brasileiros e países da América Latina (REDSOLARE, 2009). Assim, existem no país inúmeras escolas que se inspiram na abordagem Reggio Emilia e muitos autores que apontam os resultados da aplicação dessa abordagem em diversos estados brasileiros como sendo uma alternativa eficaz na luta pela qualidade do ensino básico brasileiro (MARAFON, 2017; SÁ e GONTIJO, 2017).

VALORIZANDO AS LINGUAGENS DAS CRIANÇAS

A abordagem Reggio Emilia é composta por um conjunto de suposições filosóficas, curriculares e pedagógicas, no qual as crianças são encorajadas a explorar o ambiente e se expressar através de suas linguagens naturais - palavras, desenhos, pinturas, colagens, música, entre outras - desenvolvendo habilidades simbólicas e a criatividade. Segundo Malaguzzi, seu principal desejo é manter a curiosidade natural de cada criança, respeitando o direito de ser protagonista e aprender com seus pares, com os eventos e com as famílias de modo a jamais ter certezas demasiadas (EDWARDS, GANDINI, FORMAN, 2015). As fontes de inspiração para a abordagem reggiana baseiam-se em diversos pensadores, Piaget, Freinet e John Dewey, no entanto, as ideias foram adaptadas, adotando uma posição sociocultural em relação aos processos de aprendizagem, reconhecendo as crianças e professores como construtores do conhecimento e da cultura (SÁ e GONTIJO, 2017).

Os principais conceitos dessa filosofia, para Sá e Gontijo (2017), são: a imagem da infância - entendida como uma interpretação do mundo e das vivências, que vão definir as ações; a formação dos professores - ancorada no respeito mútuo e reciprocidade, permitindo autonomia didática e identidade cultural; a escuta - disponibilidade para entender o outro em suas diferentes linguagens, permitindo compreender como as crianças constroem suas teorias, demonstrando respeito e valorização; a observação; o registro e a documentação - como maneiras de conhecer a relação da criança com o mundo, registrar o que está sendo produzido, auxiliar na interpretação dos processos e melhorar as práticas educativas.

Malaguzzi afirma que essa abordagem revela os valores básicos, que incluem aspectos interativos e construtivistas, valorizando a intensidade dos relacionamentos, a cooperação, e o esforço coletivo e individual no desenvolvimento das pesquisas, a atividade cognitiva individual, os sentimentos e a afetividade (MALAGUZZI *apud* EDWARDS, GANDINI, FORMAN, 2015). Um de seus diferenciais é a inclusão de projetos no currículo para crianças de 3 a 6 anos, buscando desenvolver um senso profundo dos eventos e fenômenos do ambiente, incentivando crianças a tomarem decisões e fazerem as próprias escolhas, cooperando com os colegas, aumentando a confiança em suas capacidades intelectuais e reforçando a necessidade de continuar aprendendo. Nesse processo é estimulado o uso das linguagens gráficas, para registrar ideias e explorar os conhecimentos (KATZ, 2015).

ESPAÇO: O TERCEIRO PROFESSOR

A abordagem Reggio Emilia entende o ambiente de aprendizagem como mediador do processo educacional, buscando espaços que apoiem as atividades pedagógicas e estimulem o aprendizado dos alunos. O espaço é considerado o terceiro professor, juntamente com os dois professores que trabalham em sala de aula, responsável por contribuir com a educação das crianças. Para que isso ocorra, os ambientes precisam ser flexíveis, suscetíveis à modificações e alterações, contribuindo para que as crianças sejam protagonistas do aprendizado (GANDINI, 2015).

Nesse sentido, Vecchi (2019) e McNally e Slutsky (2016) reforçam a importância do cuidado e atenção estética nos ambientes de aprendizagem, trazendo sensações prazerosas e atitudes que contribuam com a construção de uma identidade individual e social. Os espaços são desenhados utilizando cores, transparência, luz natural, vegetação, mobiliários confortáveis criando ambientes funcionais e convidativos. Assim, a busca pela beleza se afasta do supérfluo, sendo natural e importante, impactando positivamente sobre a formação humana.

Os edifícios escolares Reggio Emilia, muitas vezes tem como inspiração, a metáfora de grandes casas, pautando-se no modelo de família e vida em comunidade. Desenvolve-se a exploração e a criatividade com mobiliários atraentes, espaços para exibição dos trabalhos desenvolvidos considerando um ambiente confortável, caloroso e alegre (KATZ, 2015). Em uma instituição voltada para crianças pequenas, é possível observar as mensagens que o espaço oferece sobre a qualidade, cuidados e escolhas didáticas daquele lugar e, assim, entende-se como os relacionamentos se dão naquele espaço. A abordagem Reggio Emilia percebe a importância educacional do espaço e busca investir em seu planejamento envolvendo as crianças, as famílias, a comunidade e os profissionais da educação, para criar espaços agradáveis e acolhedores que refletem a história e cultura de cada escola. Acredita-se que o espaço busca favorecer a interação social, exploração e aprendizagem, tendo nele mesmo um conteúdo educacional, carregado de estímulos para experiência interativa e aprendizagem construtiva (FILPPINI, 1990 *apud* EDWARDS, GANDINI, FORMAN, 2015).

Na entrada de uma das escolas mais antigas de Reggio Emilia na Itália, a Escola Diana, encontram-se fotografias, quadro de avisos, espelhos, e um documento na parede escrito por crianças de 5 anos descrevendo os direitos das crianças. Esse espaço recepciona e cumprimenta os pais, professores e quem mais visitar a escola. Loris Malaguzzi, valoriza os espaços porque eles têm poder de promover relacionamentos agradáveis, criar ambientes atraentes, promover escolhas e desenvolver aprendizagem social, afetiva e cognitiva, gerando uma sensação de bem-estar e segurança. Ele deve ser um aquário que reflete os valores, ideias e atitudes das pessoas que dele utilizam. Nenhum espaço é considerado marginal, todos são pensados e trabalhados, tal como os banheiros que possuem espelhos em formatos e alturas diferentes, para as crianças olharem sua imagem de maneira divertida e nos tetos são posicionadas diferentes esculturas produzidas pelas crianças; o vidro e a transparência são utilizados para permitir entrada da luz natural e criar uma sensação de conexão (GANDINI, 2015).

Loris Malaguzzi, descreve uma dessas escolas através de suas percepções: há o hall de entrada, que informa e documenta a organização da escola, leva à sala de refeições, cozinha, e ao espaço central de atividades ou *piazza*. As salas de aula conectam-se ao espaço central e dividem-se em espaços contíguos. Além disso, existe o *atelier* e os mini *ateliers* próximo as salas de aula, dando suporte aos trabalhos em projetos extensos. Também há sala de música e arquivo para armazenamento e documentação do que é desenvolvido (Figura 1).

As paredes da escola são utilizadas para exibições temporárias e permanentes do que é produzido pelas crianças e professores (MALAGUZZI, 2015).

A presença da *piazza* ou praça (sem uso de corredores de passagem) como um espaço central, conecta os diversos ambientes da escola e torna-se uma extensão das salas de aula gerando senso de liberdade e autonomia para as crianças. É um local de encontros, jogos e diversas atividades e, por isso, usa-se o mesmo termo empregado nas cidades, já que a escola é tratada como um reflexo dela (MCNALLY, SLUTSKY,2016).

Outras características importantes presentes no ambiente físico das escolas Reggio Emilia são: a presença da natureza no cenário - como princípio de humanização da arquitetura, trazendo conforto e sendo fonte de aprendizado (KOWALTOWSKI, 2011); a organização espacial por faixa-etária - pensando em espaços apropriados para os diferentes níveis de desenvolvimento e estatura das crianças; e a presença dos *ateliers* para o desenvolvimento de projetos em diversas linguagens (GANDINI, 2015).

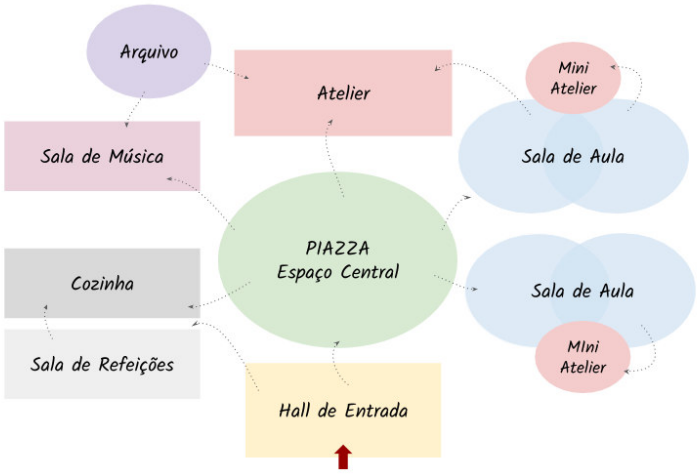

Figura 1: Diagrama Espaço Escolar - Segundo Loris Malaguzzi
Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

Moreira e Souza (2016, p.234) destacam que os espaços voltados para crianças devem favorecer a exploração, autonomia, segurança e identidade de cada uma, e apontam algumas premissas acerca da epistemologia da arquitetura escolar em Reggio Emilia, sendo elas:

> (1) Espaço/Ambiente como linguagem, que interpretamos desde bem pequenos, e cujos elementos tornam-se constitutivos do pensamento; (2) a relação bidirecional Pessoa/Ambiente na qual um modifica o outro, percepção subjetiva do ambiente; (3) leitura multissensorial do ambiente, que se modifica com o passar dos anos em função da cultura e do significado que atribuímos ao espaço; (4) realizar uma definição clara de qualidade sensorial do ambiente escolar; (5) considerar a idade e postura das crianças (bebês ficam muito tempo deitados e crianças mais velhas passam mais tempo sentadas), valorizando as superfícies como pisos, tetos e paredes; (6) compreender que as crianças constroem suas identidades nos espaços que vivem, por isso é fundamental o cuidado dos objetos e mobiliários que neles colocamos.

Conforme a metodologia, as escolas Reggio Emilia não devem servir de modelo para ser copiado literalmente por representarem espaços únicos que refletem cultura, histórias e

vidas pessoais daquela comunidade. Entretanto, elas podem servir de inspiração para projetos arquitetônicos de outros espaços escolares (ALVARES, 2016, p.31).

O ATELIER NA ESCOLA

De acordo com Malaguzzi (2015), o *atelier* tem a função de ser um espaço em que as mãos e as mentes tenham liberdade para escavar, explorar e criar o caos, de modo que diferentes linguagens (simbólicas) das crianças pudessem ser exploradas e estudadas, criando um local de pesquisas, observações e documentação do que é desenvolvido na escola. O espaço foi descentralizado em espaços menores, mini *ateliers*, próximo às salas, facilitando as atividades. Assim, o termo *atelier,* que remete à um laboratório experimental de construções e expressões visuais diversas, fica estabelecido como um ambiente com intencionalidade pedagógica, não se limitando apenas às atividades artísticas, mas corroborando com a comunicação através dos mais distintos materiais: uma oficina de imaginação e de formação de novas ideias (GANDINI, 2019 e BURRINGTON, 2019).

Para dar suporte ao desenvolvimento dos projetos, professores com formação em artes visuais auxiliam na valorização das diferentes formas de expressão das crianças, conectando a linguagem visual com as outras linguagens, dando origem ao atelierista. Este profissional atua através da escuta recíproca, contribuindo com a formação da qualidade dos pensamentos das crianças pautada na criatividade (GANDINI, 2019).

De acordo com Schwall (2019), o potencial pedagógico do ateliê se mantém pelo aperfeiçoamento constante das ideias e dos modos de utilizar esse espaço, de maneira a alternar usos e evitar rotinas com repetições automáticas, assim, adultos e crianças recriam o ateliê a cada dia, dando novos sentidos ao lugar (Figura 2).

Figura 2. Ateliês Reggio Emilia
Fonte: Gandini *et al*., 2019 (Montagem de Imagens)

Para McNally e Slutsky (2016), o ateliê é um símbolo de ativismo político que visa recuperar a imagem da criança como ser comunicador com uma força extraordinária e ilimitada que precisa ser expressada. As crianças têm o potencial de usar representações simbólicas de formas criativas para expressar o que elas veem, sabem ou pensam sobre determinados assuntos. Torna-se assim, uma extensão do professor: um ambiente planejado que reduz a necessidade de constante intervenção, permitindo que a energia dos atelieristas e professores sejam direcionadas em trabalhar com as crianças, e não apenas controla-las (MCNALLY e SLUTSKY, 2016).

PRINCÍPIOS APLICADOS AO ESPAÇO FÍSICO

Além da *piazza*, do *atelier* e da relação com a comunidade, Ceppi e Zini (2013) fazem uma análise da experiência em centros de educação infantil Reggio Emilia. Os autores definem conceitos desejáveis, como pontos de referência para o projeto de ambientes para crianças pequenas:

Identificabilidade	Criar uma linguagem arquitetônica com identidade clara, capaz de ser reconhecida
Horizontalidade	Disposição horizontal evitando criar hierarquias: manifestação física da democracia de funções, espaços compartilhados
Transformabilidade e flexibilidade	Passível de manipulações. A escola deve ser capaz de mudar: divisórias, painéis, telas, expansão, usos variados.
Interior e exterior	Deve-se perceber o que ocorre do lado de fora: elementos como filtros (varandas, toldos), elementos naturais, espelhos d'água, local de acolhimento.
Transparência	Possibilidade de olhar entre os espaços
Comunicação	As paredes devem comunicar a vida escolar
Odores	Experiências profundas, aprendizado, elementos naturais
Materiais	Qualidades táteis, manipulabilidade, sensações, texturas
Sons	Sistemas interativos, exploração e interferência nos sons do ambiente.

Figura 3. Conceitos desejáveis aplicados ao espaço - Escolas Reggio Emília
Fonte: CEPPI E ZINI, 2013. (Elaborado pelos autores, 2020.)

A RELAÇÃO ESCOLA-CIDADE

As escolas Reggio Emilia possuem histórico de administração baseado na participação da comunidade desde sua origem com comitês escola-cidade pautados em valores de cooperação e envolvimento. Tais comitês visavam uma gestão democrática, envolvendo pais, professores, grupos vizinhos e cidadãos em busca de interação, comunicação e a defesa do direito das crianças. Acredita-se que a educação infantil trata de um recurso precioso de potencial humano, sendo responsabilidade de toda sociedade que se preocupa com o futuro (SPAGGIARI, 2015).

Na região de Reggio Emilia, as características que favorecem a cooperação dentro da escola são muito valorizadas, tendo em vista as cooperativas centenárias de produtores da região. Assim, a cultura da cidade é sempre encontrada na documentação das paredes, contendo informações de locais que fazem parte das visitas de campo das crianças durante estudos escolares e a contribuição de cada criança é valorizada e incluída nas exposições da escola. Cada escola da rede tem sua história e características próprias, jamais havendo qualquer desejo de torná-las todas iguais. Logo, por se entender a importância da relação com a comunidade nos valores dessa abordagem, as escolas são pensadas como parte integral do plano urbano, ocupando espaços importantes da cidade, tornando-se foco de interação entre a comunidade (GANDINI, 2015).

Assim, o objetivo do *design* dos espaços nas escolas de Reggio Emilia é de criar ambientes amáveis, que garantam o bem estar das crianças e professores para que eles construam o conhecimento juntos. O entorno é visto como uma extensão da sala de aula, fonte

de explorações e investigações nos projetos desenvolvidos. Dessa maneira, a escola é projetada para receber as famílias, tornando um ponto de referência dentro da comunidade, para encontros e eventos (GANDINI, 2012 *apud* MILLER, 2019).

UMA PROPOSTA INSPIRADA EM REGGIO EMÍLIA – PROJETO EURECA

Utilizando as diretrizes da abordagem Reggio Emília, com o intuito de (re)pensar a arquitetura escolar vigente, proposições foram elaboradas para o contexto da cidade brasileira de Campo Grande/MS, Brasil, considerando uma escola de Educação Infantil de turno integral. O projeto foi denominado Escola Eureca e carrega consigo a essência dessa palavra: a surpresa com a descoberta e o aprendizado através da exploração, naturalmente presente nas crianças, que tornam o ato de aprender bem mais divertido. Para isso, as indicações nortearam as escolhas de projeto são apresentadas na figura 4.

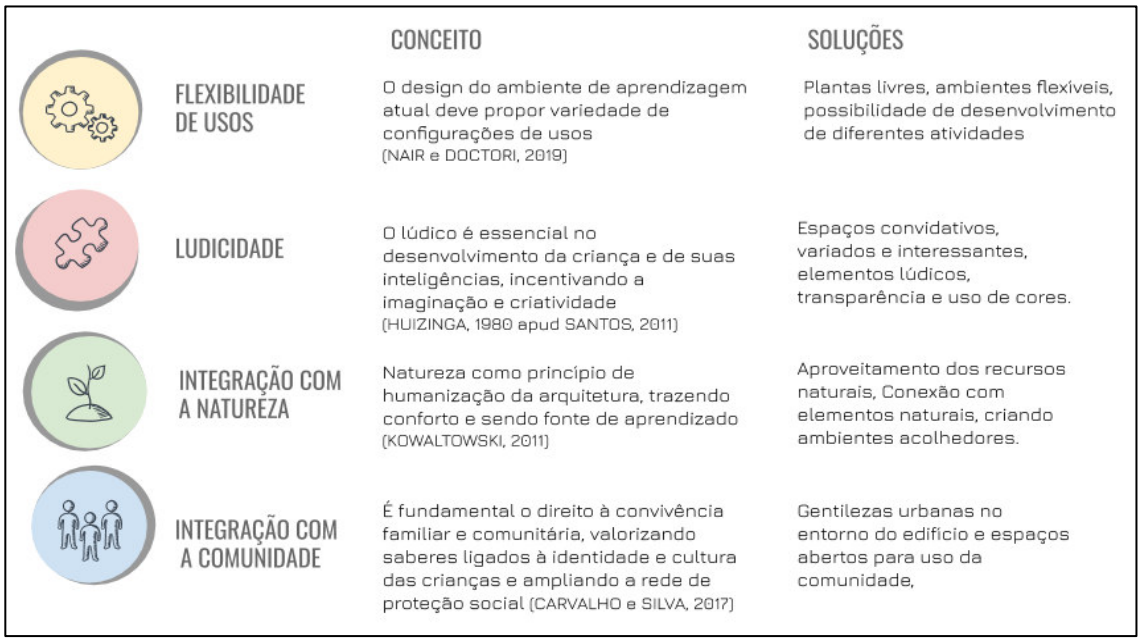

Figura 4. Diretrizes projetuais da proposta
Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

O projeto arquitetônico se desenvolve primordialmente em pavimento térreo, baseando-se no conceito de horizontalidade (CEPPI E ZINI, 2013), evitando hierarquias, corroborando com a acessibilidade universal e permitindo maior liberdade motora para as crianças. Além disso, fortalece a abordagem metodológica e o conceito de cidades educativas, a proposta envolve a comunidade externa, criando espaços compartilhados: biblioteca, salas multiuso e cinema ao ar livre, localizados no platô superior, buscando proporcionar uma sensação de pertencimento e aproximando as famílias do processo de aprendizagem (Figura 5).

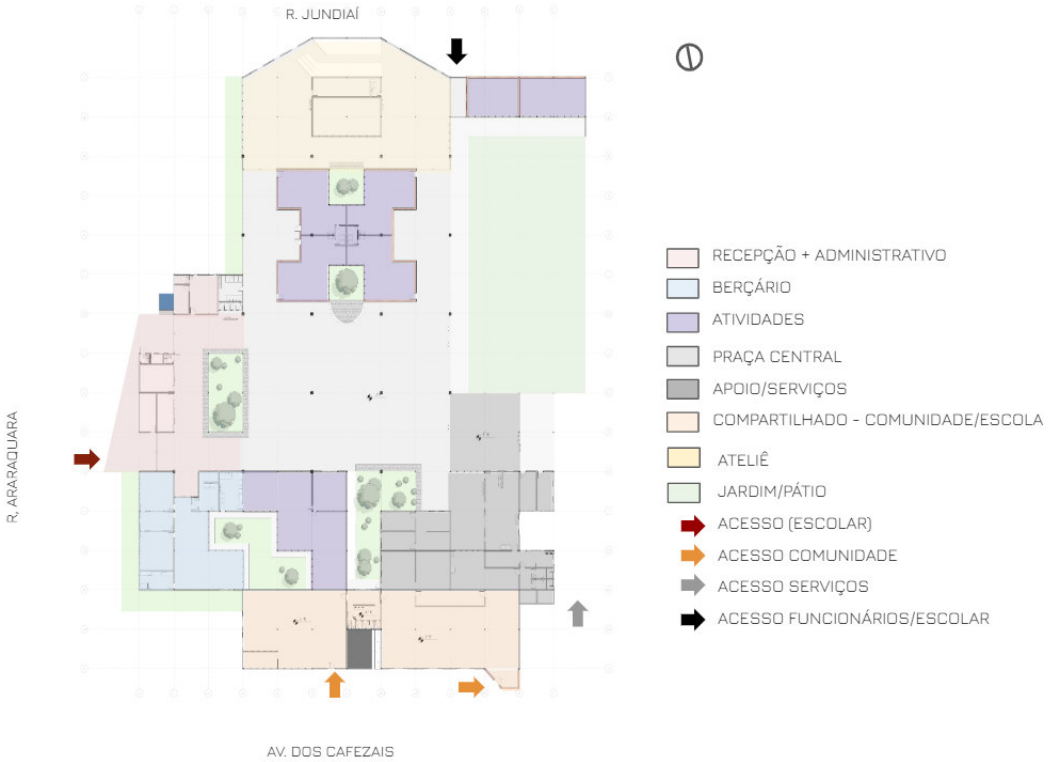

Figura 5. Setorização e Acessos
Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

Pautando-se na relação cidade-escola, o projeto desenvolve-se em função de uma grande praça, evitando muros e criando conexões com o exterior. Por isso, foi adotada a solução de faixas verdes – jardins com vegetação vedados por cercas de bambu, permitindo ventilação e permeabilidade visual – nas aberturas da escola voltadas para a praça, trazendo segurança e conforto ambiental (Figura 6).

Figura 6. Praça de Acesso Principal e ambientes internos.
Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

O projeto conta com ambientes que dão suporte para a Educação integral, como o espaço de música, de culinária e de jardinagem, a área da soneca, área de convívio dos funcionários e o espaço de apoio ao aluno (psicológico, médico e pedagógico), com espaços voltados para acolhimento, recepção e participação da família nas atividades. Optou-se por espaços amplos e integrados, contando soluções móveis que reforçam a flexibilidade dos espaços, facilitando alterações de layout e tornando-os adaptáveis e dinâmicos para atender

diferentes atividades e acompanhar as mudanças do tempo. Além disso, possui grandes aberturas para área externa arborizada e recortes para jardins internos, onde a construção se mistura com a natureza, e esta torna-se fonte de exploração e aprendizado das crianças (Figura 7).

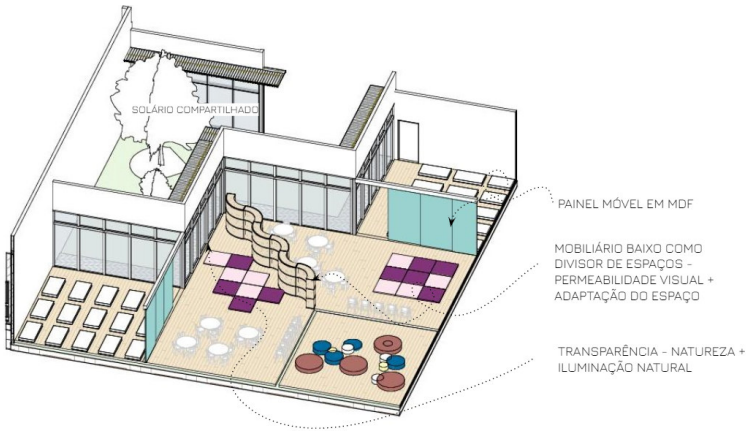

Figura 7. Flexibilidade – Sala de Atividades
Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

As salas de atividades seguem o conceito de Salas em L ou Z (NAIR e FIELDING, 2005), criando zonas de aprendizagem flexível através de mobiliários, valorizando a liberdade criativa das crianças e trazendo a experiência sensorial através da textura dos materiais (terra e madeira). Além disso, propõe-se espaços que podem ser compartilhados pelas turmas (como banheiros e espaços de leitura/projeção), como extensão da sala de atividades (Figura 8).

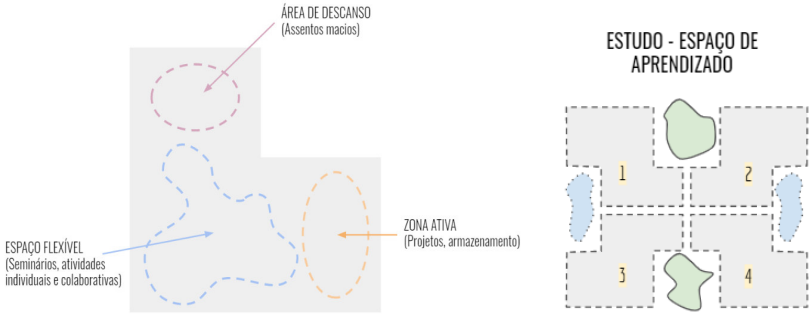

Figura 8. Estudos arquitetônicos para o espaço Salas de Atividades
Fonte: os autores

O Ateliê é um elemento essencial para a abordagem e para o conceito de ludicidade da escola. Na proposta, o ateliê divide-se em: laboratório, pesquisa, experimentações com luz, artes plásticas, artes cênicas e jogos. Localiza-se na extremidade da escola, voltando-se através de grandes aberturas assimétricas para a praça – os olhos da escola -, onde os alunos podem fazer observações sobre o mundo de fora e entender a cidade como extensão do aprendizado (**Figura 9**).

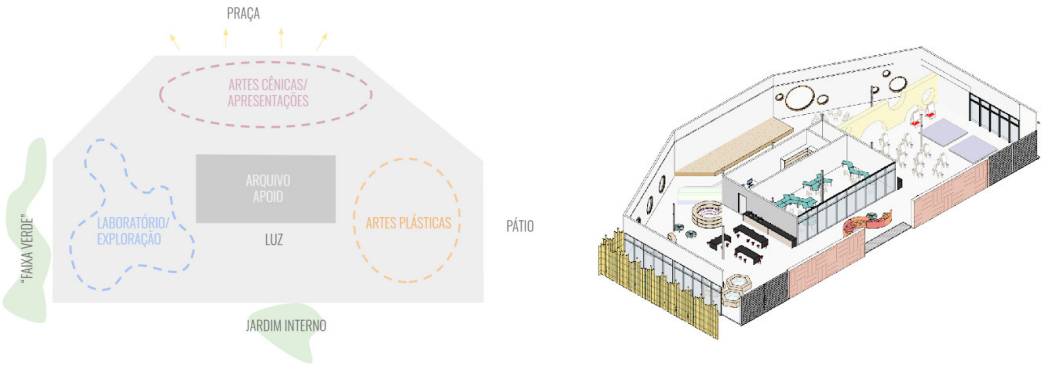

Figura 9. Estudos arquitetônicos para o espaço do Ateliê
Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

A Praça Central, o coração da escola, conecta todos os espaços e funciona como uma grande varanda onde localiza-se uma abertura zenital em madeira laminada, estimulando a ventilação e iluminação natural. Através de sua grande planta livre incentiva os mais diversos usos - como redário, espaço de exposição de trabalhos, brincadeiras de roda, apresentações e outras - voltando-se para o grande pátio interno (Figura 10).

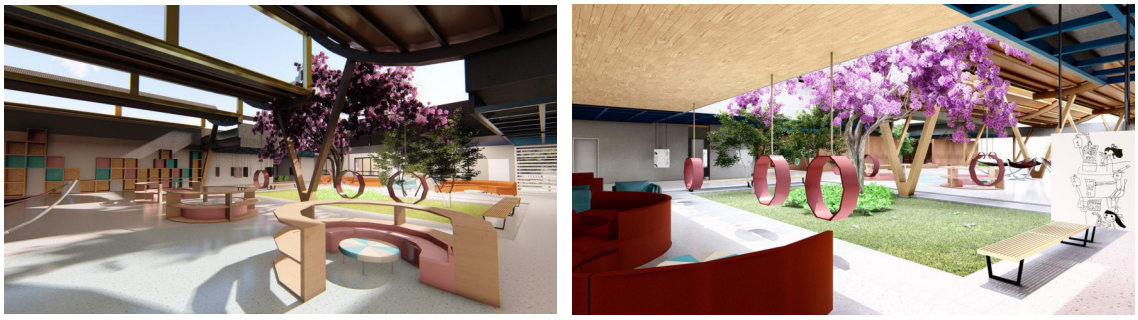

Figura 10. Praça Central Eureca e Pátio Aberto
Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço de aprendizagem tem a capacidade de moldar relações e criar condições para um bem-estar físico e mental que conduzem ao aprendizado de qualidade (BLACKMORE *et al*., 2011 *apud* MILLER, 2019). Desta forma, torna-se importante o olhar para projetos arquitetônicos escolares responsivos e de qualidade, priorizando projetos que unam o *design* dos espaços físicos com o *design* pedagógico, considerando os fatores sociais, culturais e pedagógicos que estão sendo galgados.

A literatura demonstra que a abordagem Reggio Emília compreende essa íntima relação entre qualidade do espaço com a qualidade do aprendizado, reconhecendo o ambiente de aprendizagem como um terceiro professor, que reflete os valores da escola e possibilita o desenvolvimento integral das crianças, através de um processo participativo e dinâmico, resultando em espaços flexíveis, em constante transformação e estudo. Os reflexos dessa abordagem no espaço físico apontam para ambientes que permitam liberdade de expressão e exploração, subsidiando o desenvolvimento de projetos através da autonomia e segurança; e que possibilitem e incentivem a interação e comunicação entre as crianças e os adultos.

Compreendendo tal dinâmica, é necessário evitar excessivas compartimentações e barreiras físicas, integrando o edifício à natureza e valorizando espaços adaptáveis, convidativos e acolhedores para corroborar com os valores da metodologia. Assim, nota-se a importância de não reproduzir projetos escolares tradicionais que apresentam longos corredores pouco iluminados e diversas salas idênticas e fechadas contendo poucas conexões visíveis com o exterior e quase nenhuma possibilidade de flexibilização, tornando-se espaços estagnados no tempo, não correspondendo aos avanços pedagógicos e tecnológicos.

Outra grande contribuição da abordagem Reggio Emília ao espaço físico escolar são os *ateliers*, que possuem grande potencial pedagógico. Esses espaços, que funcionam como grandes laboratórios experimentais, permitem a valorização das diversas formas de expressão das crianças através de suas linguagens simbólicas, estimulando através de projetos a criatividade, a segurança e a interação, permitindo também, estudos e pesquisas por parte dos professores e atelieristas, possibilitando constante acompanhamento e melhorias ao processo de aprendizagem.

Logo, a proposta apresentada - projeto Eureca - mostra-se como um caminho possível na compatibilização entre espaço e a pedagogia. O projeto foi concebido considerando uma escola flexível e adaptável às mudanças do mundo, que valoriza a relação saudável e responsável com o ambiente e a participação da comunidade e da família processo de aprendizagem. Foi priorizada a liberdade, exploração e diversão, genuína das crianças. Também, o uso de materiais locais e naturais (terra, madeira, bambu) confere a possibilidade de diminuir os impactos ambientais causados pela construção e mudar um paradigma fortemente enraizado nas construções de escolas brasileiras que em grande número empregam sistemas construtivos convencionais (alvenaria, aço, concreto).

Dessa forma, a ideia do artigo não é a transposição direta da abordagem Reggio Emilia para as escolas brasileiras, mas a possibilidade de inspiração em busca de alternativas para uma educação de qualidade. Tendo em vista a realidade dos dados e as soluções amplamente replicadas em grande parte dos ambientes escolares, faz-se necessário o prosseguimento nas pesquisas e produções relacionadas à temática pelos mais diversos profissionais, posicionando as ideias aqui retratadas como um possível passo inicial nessa longa jornada exploratória.

REFERÊNCIAS

ALVARES, Sandra Leonora. **Programando a Arquitetura Escolar**: a relação entre Ambientes de Aprendizagem, Comportamento Humano no Ambiente Construído e Teorias Pedagógicas. Campinas, 2016.

ARRAIS NETO, Enéas; SOUZA, Raphael Pires de; RICCA, Diego Enéas Peres. Arquitetura Escolar: Currículo ou Curral?. **Revista Labor**, v. 1, n.16, p. 137-151, mar 2017.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Escola infantil pra que te quero?. In: Carmen Maria Craidy; Gládis Kaercher. (Orgs.). **Educação Infantil pra que te quero?**. 1ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001, v. 1, p. 13-22.

BURRINGTON, Barbara. Geografia em transformação: Reggio Emilia, memória e lugar. In: GANDINI, Lella (Orgs.) *et al*. **O papel do ateliê na educação infantil:** a inspiração de Reggio Emilia. Porto Alegre: Penso, 2019, p. 83-93.

CEPPI, Giulio; ZINI, Michele (Orgs.). **Crianças, espaços, relações:** como projetar ambientes para a educação infantil. Porto Alegre: Penso, 2013.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Referências técnicas para Atuação de Psicólogas(os) na Educação Básica**. 2 ed. Brasília: CFP, 2013.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: A abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2015, p. 23-35.

FRANÇA, Lilian Cristina Monteiro. **Caos – Espaço – Educação**. São Paulo: Annablume, 1994.

GANDINI, Lella. A escola inteira como ateliê: reflexões de Carla Rinaldi. In: GANDINI, Lella (Orgs.) *et al*. **O papel do ateliê na educação infantil:** a inspiração de Reggio Emilia. Porto Alegre: Penso, 2019, p. 43-47.

GANDINI, Lella. Espaços educacionais e de envolvimento pessoal. In: EDWARDS, Carolynn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As Cem Linguagens da criança:** a abordagem Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 137-149.

KATZ, Lilian. O que podemos aprender com Reggio Emilia?. In: EDWARDS, Carolynn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As Cem Linguagens da criança:** a abordagem Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 37-53.

KOWALTOWSKI, Doris Catherine Cornelie. **Arquitetura Escolar**: o projeto do ambiente de ensino. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

MALAGUZZI, Loris. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolynn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As Cem Linguagens da criança:** a abordagem Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2015. p.57-97.

MARAFON, Danielle. A abordagem de Reggio Emilia para aprendizagem na Educação Infantil. In: EDUCERE, 13, 2017, Curitiba. **Anais**: Curitiba: Pontificia Universidade Católica do Paraná, 2017.

MCNALLY, Shelley A.; SLUTSKY, Ruslan. Key elements of the Reggio Emilia approach and how they are interconnected to create the highly regarded system of early childhood education, **Early Child Development and Care**, v. 187, 1925-1937, 2016.

MILLER, Vanessa. **Creating the Third Teacher Through Participatory Learning Environment Design**: Reggio Emilia Principles Support Student Wellbeing. Brisbane, /Australia: Queensland University of Technology, 2019.

MOREIRA, Ana Rosa Picanço; SOUZA, Tatiana Noronha de**.** Ambiente pedagógico na educação infantil e contribuição da psicologia. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 20, n. 2, p. 229-237, 2016.

NAIR, Prakash; DOCTORI, Roni Zimmer. **Learning by design:** live, play, engage, create. Education Design Architects. 1 ed., 2019.

NAIR, Prakash; FIELDING, Randall. **The Language of School Design:** Design Patterns for 21st Century Schools. In: DesignShare.com, Minneapolis, 2005.

REDSOLARE. Apresentação. Brasil: 2009. Disponível em: < http://redesolarebrasil.blogspot.com/p/apresentacao.html>. Acesso em: 05 Out. 2019.

SÁ, Alessandra Latalisa de. Um olhar sobre a abordagem educacional de Reggio Emilia. **Paidéia**, Belo Horizonte, v. 7, p. 55-80, 2010.

SÁ, Alessandra Latalisa de; GONTIJO, Flávia Lamounier. Fronteiras permeáveis: a abordagem educativa de Reggio Emilia e experiências pedagógicas em Belo Horizonte. **Paidéia,** Belo Horizonte, v. 18, p. 25-32, 2017.

SCHWALL, Charles. O ambiente e os materiais do ateliê. In: GANDINI, Lella (Orgs.) *et al*. **O papel do ateliê na educação infantil:** a inspiração de Reggio Emilia. Porto Alegre: Penso, 2019, p. 65-81.

SPAGGIARI, Sergio. A parceria comunidade-professor na administração das escolas. In: EDWARDS, Carolynn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As Cem Linguagens da criança:** a abordagem Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2015, p. 99-106.

VECCHI, Vea. Poéticas de aprendizagem. In: GANDINI, Lella (Orgs.) *et al*. **O papel do ateliê na educação infantil:** a inspiração de Reggio Emilia. Porto Alegre: Penso, 2019, p. 16-19.